

## Temas da Nova Psicanálise

Adriana Italo<sup>1</sup>, Gisêlda Santos<sup>2</sup>, Nelma Medeiros<sup>3</sup>,  
Patrícia Netto A. Coelho<sup>4</sup>, Paula de Oliveira Carvalho<sup>5</sup>  
e Potiguara Mendes da Silveira Jr.<sup>6</sup>

**Resumo:** A postura da psicanálise. A Pessoa como obra de arte em progresso. A transferência como ordem política: amigo / inimigo. Sintoma não é virtude. Inconsciente: campo de recepção plerômica. Exercício da psicanálise: ser estrangeiro.

**Palavras-chave:** psicanálise do Brasil, amigo / inimigo, obra de arte.

**Abstract:** Psychoanalysis as a posture. The Person as a work of art in progress. Transference as a political order: friend / enemy. Symptom is not virtue. Unconscious: an all-encompassing field of reception. Psychoanalytical practice: being a stranger.

**Keywords:** psychoanalysis in Brazil, friend / enemy, work of art.

A Nova Psicanálise foi criada em 1985 por MD Magno após dez anos de pesquisas orientadas pelos pensamentos de Freud e Lacan. Seus desenvolvimentos e resultados foram e continuam a ser apresentados em Seminários e Falatórios<sup>7</sup> ininterruptos nos últimos trinta anos. Uma vez que a maioria dos textos destas apresentações já foi publicada, começamos aqui a recensão de algumas contribuições trazidas ao aparelho teórico-clínico da psicanálise ao longo desse tempo. Aparelho este que, nos anos 1980, após a morte de Jacques Lacan, dava fortes indícios da necessidade de renovação para se manter em sintonia com a dinâmica sociotecnológica e de crise dos valores que se expandia pelo planeta. É neste ambiente que ocorre a reformatação inicialmente chamada Nova Psicanálise e que,

<sup>1</sup> Psicanalista (NovaMente/RJ). Doutora em Filosofia e Professora de Arte e Filosofia (PUC/RJ).

<sup>2</sup> Psicanalista (NovaMente/RJ).

<sup>3</sup> Doutora em Filosofia (IFCS/UFRJ). Professora (Depto. Ciências Humanas/UERJ).

<sup>4</sup> Psicanalista (NovaMente/RJ). Mestre em Filosofia (IFCS/UFRJ). Professora de Psicologia (UNESA).

<sup>5</sup> Psicanalista (NovaMente/RJ). Mestre em Psicologia Clínica (PUC/RJ).

<sup>6</sup> Psicanalista (NovaMente/RJ). Pós-Doutor em Comunicação (Universidade Nova de Lisboa). Professor (Faculdade de Comunicação UFJF).

<sup>7</sup> Realizados na Universidade Federal do Rio de Janeiro / UFRJ e no Colégio Freudiano do Rio de Janeiro. A partir de 1992, com a fundação da UniverCidadeDeDeus, que passa a incluir o Colégio Freudiano, a pesquisa de MD Magno continua a lá se desenvolver e a se apresentar, além da UFRJ e da própria UniverCidadeDeDeus, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro / UERJ, no auditório da FINEP – Financiadora de Estudos e Pesquisas do Brasil e na Universidade Federal de Santa Maria / UFSM.

renomeada NovaMente na década de 1990, continua desenvolvendo suas pesquisas e aprimorando suas intervenções clínicas.

A seguir, um primeiro apanhado de alguns temas abordados pela Nova Psicanálise, em que se busca historiar e comentar de modo sucinto seu percurso e o entendimento que ganham.

## ■ Psicanálise e Postura

Adriana Italo

Sem dúvida, é possível retrazar os passos de Freud e discernir em sua obra um medo de se contaminar por idéias e sistemas filosóficos; um pânico de se confundir com alguma doutrina ou seita de iniciados em mistérios pseudo-científicos; o horror de estar neste lugar indiscernível entre a mais sublime arte e a mais medíocre loucura; uma ambivalência diante do recebimento do Prêmio Goethe de literatura, e não o Nobel de medicina; enfim, tudo isto mais a perplexidade de estar criando algo novo e, em sendo um judeu culto alemão do século 19, bem contemporâneo de sua época *et pour cause*, é possível compreender que Freud tivesse *vontade de fazer ciência*.

Utilizando-se do que tinha à mão, ficou com o que lhe servia, jogou fora o que não lhe interessava e, da impossibilidade de erigir a psicanálise como uma *Weltanschauung* (visão de mundo) acabada, restou sempre uma espécie de desconforto, de *mal-estar*.

Eis o que diz Freud quanto à construção de grandes sistemas de visão de mundo:

Tais atividades podem ser deixadas aos filósofos, que confessadamente acham impossível empreender sua viagem pela vida sem um *Baedeker*<sup>8</sup> dessa espécie para proporcionar-lhes informações sobre todos os assuntos. Aceitemos humildemente o desprezo com que nos olham, sobranceiros, do ponto de observação de suas atividades superiores. Mas [...] ficaremos reconfortados com o pensamento de que tais “Manuais para a Vida” ficam logo desatualizados, de que é precisamente nosso trabalho mópe, tacanho e insignificante que os obriga a aparecer em novas edições, e de que até mesmo os mais atualizados deles nada mais são do que tentativas para encontrar um substituto para o antigo, útil e todo-suficiente catecismo da igreja. Somente uma pessoa paciente e perseverante [...] poderá gradativamente ocasionar uma transformação. O viajante surpreendido pela noite pode cantar alto no escuro para negar seus próprios temores; mas, apesar de tudo isto, não enxergará mais que um palmo adiante do nariz<sup>9</sup>.

<sup>8</sup> Guia de viagem alemão muito conhecido na Europa.

<sup>9</sup> FREUD, S. Inibições, Sintomas e Ansiedade p. 117/18, vol. xx, Edição Standard Brasileira, Imago, 1976.

Os versos preferidos de Freud sempre que alguém o criticava contrapondo a psicanálise aos grandes sistemas de pensamento eram: “Com seus barretes de dormir e com os trapos de seu roupão de noite / remendam-se as falhas do edifício do universo”<sup>10</sup> (Heine, *Die Heimkehr*, LVIII).

A psicanálise completa mais de cem anos e, a despeito de todo ‘barulho’ que provocou e provoca, de seus sucessos e fracassos, de sua eficácia e inutilidade, é ainda jovem e se caracteriza por uma espécie difusa de inadequação: não é religião, filosofia, arte ou tampouco ciência. É, no entanto, uma teoria, uma prática, uma experiência, mas, sobretudo, diz MD Magno: uma *postura*.

Inúmeros são os trabalhos empreendidos por psicanalistas e não-psicanalistas no sentido de demarcar as fronteiras, os limites e características desse campo há pouco inaugurado. Todavia, a construção de uma axiomática que pudesse dar à psicanálise rigor conceitual sem esmagar com conteúdos sua “vagueza” de base, apesar dos consideráveis e reconhecidos esforços de Jacques Lacan, apenas agora começa a se fazer.

MD Magno é quem, neste momento, envida esforços neste sentido. Seu trabalho de renovação da teoria e da clínica psicanalíticas acontece desde 1975 quando fundou o Colégio Freudiano do Rio de Janeiro com o propósito de transmitir o pensamento de Lacan em terras brasileiras.

Os primeiros tempos desta “odisséia lacaniana” foram lufadas de vento novo em uma psicanálise já empoeirada pelos antigos jargões ditados pela IPA que julgava Lacan, no mínimo, um anátema. Este momento foi, sem dúvida, rico e promissor abrindo novos horizontes e desbravando fronteiras para a teoria e a clínica psicanalíticas. Grupos e instituições proliferaram, a psicanálise foi revigorada, sua clínica buscava maior eficácia e sua teoria procurava abrir-se a um diálogo mais profundo e profícuo com as diversas áreas do saber.

Após a morte do mestre francês, vimos a ascensão e a queda de seu pensamento, que experimentamos, numa rapidez quase exponencial, como um longo trecho em declive. Seus seguidores insistem em repetir as mesmas fórmulas e clichês há décadas (sintomática, aliás, extremamente criticada pelo mestre). Hoje, a *peste* (famosa metáfora utilizada por Freud para designar a psicanálise em sua primeira viagem aos Estados Unidos da América do Norte) foi mais uma vez neutralizada, tornada inoperante e institucionalizada.

O efeito estultificante da repetição irrefletida de um corpo conceitual seja ele freudiano ou lacaniano não se deve apenas (embora este seja um fator relevante) a uma

<sup>10</sup> *Mit seinen Nachtmützen und Schlafrockfetzen Stopft er die Lücken des Weltenbaus*, apud FREUD, S. Conferência xxxv – A questão de Uma Weltanschauung p. 196 vol. xxii, Edição Standard Brasileira, Imago, 1976.

relação de sujeição voluntária por parte de cabeças colonizadas ou coisa que o valha. Trata-se da própria estrutura recalcante de todo saber constituído, institucionalizado, transformado em “visão de mundo”, moeda corrente do senso comum.

Assim, celebrar os trinta anos de produção original de MD Magno significa rememorar a força e a eficácia da psicanálise, retirá-la do museu, das prateleiras do já estabelecido, dar-lhe sangue novo, nova vida como ele mesmo o faz a cada novo livro. É dizer que há pensamento original e com poder de performance no Brasil do século 21, assim como houve na Áustria do século 19, e na França do século 20. E, tudo isso, a despeito de teses acadêmicas, opiniões de grupos particulares e de instituições internacionais. Quer dizer, retomar o vigor próprio da experiência e da postura analíticas no mundo contemporâneo, isto sim é fazer jus à aposta de Freud.

MD Magno, portanto, não só repensou e rearticulou os conceitos freudianos e lacanianos, mas seu gesto, analítico por excelência, foi o de criar uma chave conceitual suficientemente abstrata a partir de um único conceito fundamental (o de *Pulsão*), dando assim um gigantesco passo na análise da psicanálise. Eis um bom exemplo de postura analítica. E, embora não se possa, de uma vez por todas, definir *postura*, posto que ela é a própria psicanálise, ela nos aparece, curiosamente, com clareza exemplar. Tudo que temos são exemplos. Mas *em psicanálise o exemplo é a própria coisa*, já ensinava Freud. A psicanálise como *Clínica Geral* nada exclui de suas operações, sobretudo seu próprio “divã”.

Sem esse eterno recuo reflexivo, dissoluto e dissolvente, a psicanálise perde sua força e soberania clínicas. Só a atualização do desconforto, do *desamparo azulado da indefinição* comum e fundamental, de não se saber bem o que é a psicanálise e mesmo assim tentar responder, pode devolver a ela e a cada um de seus operadores *presença de espírito*, irmã gêmea da postura analítica.

## ■ A Pessoa como Obra de Arte

Potiguara Mendes da Silveira Jr.

O projeto de Cura da Nova Psicanálise é indissociável do trabalho de generalização da Grande ART (radical presente nos termos: artifício, artificial, artificialismo, artista, artefato e, sobretudo, articulação). Trata-se de “contribuir para facilitar que cada *Pessoa* tenha emergência como *obra de arte*”<sup>11</sup> – indica MD Magno em 2005. Para acompanhar o alcance desta indicação, veremos alguns aspectos de suas definições de obra de arte, sistematizada em 1976, e de Pessoa, proposta em 2004.

<sup>11</sup> MAGNO, MD. [2005] *Clavis Universalis*. Da Cura em Psicanálise (Revisão da Clínica). Falatório proferido na UniverCidadeDeDeus, seção 2, 02 abril. A sair

Diferentemente de abordagens ligadas à história da arte ou à estética, *obra de arte* se qualifica aqui por estar posicionada no lugar do Analista e sempre exceder às tentativas de explicá-la. Diante dela, qualquer um fala de si, coloca-se como analisando e jamais a “interpreta”. Ela “não tem compromisso com a cultura [ou com a] sociedade”, pois o que produz é a “indiferença do sentido”<sup>12</sup>. É, portanto, “a construção efetiva do Revirão”<sup>13</sup>, o qual é a operação de neutralização dos sentidos estabelecidos – portanto, sintomáticos – por acessar o lugar da pura Diferença entre Haver e não-Haver (*cf.* abaixo).

A idéia de hegemonia da Arte nas performances do humano é antiga. Pode ser remontada ao termo grego *téchne*, que, apesar de tentar distingui-las, pode ser tomada como designativa de arte, ciência e mesmo disso que a noção de tecnologia abrange atualmente (conhecimento da técnica de produção). Nietzsche, em 1872<sup>14</sup>, dizia: “O homem não é mais artista, tornou-se obra de arte” e “só como *fenômeno estético*” – e não moral como é o caso na doutrina cristã – “podem a existência e o mundo *justificar-se* eternamente”.

A radicalização da Arte no projeto nietzscheano não tem o mesmo sentido daquela proposta pela Nova Psicanálise, mas esta tem nele uma de suas boas referências. Mencionamos esta linhagem por facilitar o entendimento do avanço trazido pelo que hoje diz a Nova Psicanálise:

O que podemos esperar agora de melhor é a perene criação artística das pessoas, sendo que a polaridade de uma Pessoa sobre um indivíduo biológico humano abrange, para além de sua posição focal, a extensa zona franjal que a constitui como *rede* que, no limite, alcança todo o Haver. (...) Desse modo, essa obra de arte<sup>15</sup> se concentra no foco de um pólo, mas se espalha por sua franja até os confins do Pleroma<sup>16</sup>.

Donde, a produção infinita da obra. De saída, vemos que não há aí espaço para idéias de “fim de análise” ou “sujeito” tão encarecidas pelo século 20.

Para entender a contribuição original do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro<sup>17</sup> nos últimos trinta anos, é imprescindível retomar sua referência forte a Marcel Duchamp<sup>18</sup>

<sup>12</sup> \_\_\_\_\_. [1976] *Senso Contra Censo. Da obra-de-arte, etc.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978. p. 47 e 49.

<sup>13</sup> \_\_\_\_\_. [2005] *Op. Cit.*

<sup>14</sup> NIETZSCHE, Friedrich. [1872] *O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. São Paulo: Cia das Letras, 2003. Trad.: J. Guinsburg. (p. 31, 47) [1 e 5].

<sup>15</sup> *Obradarte*, como foi chamada em 1976 em oposição a *objedarte* (este resultante de combinatórias culturais, sem realizar por inteiro a operação do Revirão).

<sup>16</sup> MAGNO [2005] *Op. Cit.* [*Pleroma*: apresentado por Magno em 1986, é o esquema da ‘plenitude’ de tudo que há em sua vocação (pulsional) por não-Haver].

<sup>17</sup> Fundado em 1975, em Paris, por MD Magno e Betty Milan (esta, após 1986, se afasta das atividades da instituição).

<sup>18</sup> Em 1976/77, MD Magno realiza o Seminário *Marchando ao Céu* (Escola de Artes Visuais/RJ).

(1887-1968). Se no século 20, até os anos 1980, a hegemonia nas ciências humanas era de um pensamento sobre descontinuidades, heterogeneidades e diferenças (natureza / cultura, real / simbólico / imaginário, significante / significado, eu / outro) presas à rubrica de um sujeito dividido (§), Duchamp, ao contrário, reivindicava que a escolha de seus ready-made se baseasse na “ausência total de bom ou mau gosto”, isto é, na “indiferença visual”<sup>19</sup>. Indiferença sexual, portanto – dirá Magno<sup>20</sup>, que vai enfatizar o monismo do conceito de Pulsão (“Haver quer não-Haver”) como fundamental para sua reformatação da psicanálise em 1985 (chamada de Nova Psicanálise ou NovaMente).

Duchamp, segundo Octavio Paz (1914-1998), trabalha “uma arte que *obriga* o espectador e o leitor a converter-se em um artista e em um poeta”<sup>21</sup> – este é um dos sentidos de sua conhecida afirmação: “Os espectadores é que fazem o quadro”. Além disso, temos outra indicação de Duchamp, esta básica para entendermos o conceito de *Pessoa*: “...não crer na expressão ‘eu sou’”<sup>22</sup>. A Nova Psicanálise dá mais um passo e toma a idéia de *Eu* como lugar constituído por uma *rede* complexa. Não se parte de nenhum sujeito prévio e permanente, e sim de que uma Pessoa (só) se qualifica por resultar de uma conectividade de nós e links em cuja ordenação – se pudermos usar a diferença entre redes aleatórias e redes sem escala trabalhada pela ciência da complexidade – predominam alguns poucos pólos de convergência e irradiação<sup>23</sup>, os quais se diferenciam dos demais nós por serem extremamente conectados.

Então, mesmo a zona franjal de qualquer Pessoa sendo virtual-mente ilimitada, como diz Magno, no foco de seu pólo podemos supor a existência de uma *hierarquia* bem demarcada. Aí, no foco, operam vínculos (conexões) de alta e baixa extração e o trabalho da análise consistirá em discernir e descrever ao máximo as conexões constituintes da rede de formações (primárias e secundárias) de qualquer *Eu*. Assim, visualiza-se o princípio organizacional de uma Pessoa e, mediante a aplicação da Diferença Absoluta (ou In-Diferenciação) que opera no Revirão, torna-se possível suscitar e requisitar – a cada vez e interminavelmente – seu (re)surgimento como Obra de Arte, aquela referida à conectividade suprema e originária: o Vínculo Absoluto.

<sup>19</sup> CABANNE, Pierre. [1966] *Entretiens avec Marcel Duchamp*. Paris: Pierre Belfond, 1967. p. 84 e 169

<sup>20</sup> MAGNO, MD. [1990] *Arte & Fato. Da Arte Total à Clínica Geral*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2001. 2 vols. (vol. 1, p. 55)

<sup>21</sup> Paz, Octavio. [1968] *Marcel Duchamp ou o Castelo da Pureza*. São Paulo: Perspectiva, 1977. Trad.: Sebastião Uchoa Leite. p. 57

<sup>22</sup> CABANNE, Pierre. *Op. cit.*, p. 169

<sup>23</sup> Cf. BARABÁSI, Albert-László. BONABEAU, Eric. Redes sem escalas. *Scientific American / Brasil*. Junho 2003, ano 2, n. 13, p. 66

## ■ Neutralidade, Amigo, Inimigo

Nelma Medeiros

“Em qualquer lugar que compareça ou que se pense *política*, o termo significa: competição pelo poder”. Por sua vez, *poder* é “toda e qualquer condição de dominação de uma qualquer formação sobre toda e qualquer outra formação. A condição de dominação de uma formação sobre outra é o genérico do poder”<sup>24</sup>. Estas definições de política e poder, apresentadas por MD Magno em 2002, renovam as noções de recalque e transferência, à luz da postura freudiana de neutralidade. Acrescente-se o ingrediente do “grupamento amigo-inimigo”<sup>25</sup>, que a psicanálise toma emprestado do pensamento jurídico, e ganha-se uma ferramenta de alto teor analítico com a qual considerar as formações sintomáticas. Vejamos algumas conseqüências clínicas desse acoplamento conceitual, trabalhando com o horizonte de que *a prática psicanalítica exhibe a generalidade da condição do político*<sup>26</sup>.

A “condição do político” é uma das balizas do pensamento de Carl Schmitt (1888-1985), interessado em fornecer à política um critério mais desprovido possível de conteúdos. O grupamento *amigo-inimigo* responde a tal exigência, designando “o grau de intensidade extrema de uma ligação ou separação, de uma associação ou dissociação”, sem necessidade de empregarmos outras distinções – morais, estéticas, econômicas, etc. –, pois estas se tornam coadjuvantes do vínculo amigo-inimigo.

Aí reside o potencial analítico do princípio schmittiano: a vinculação entre as *formações sintomáticas* tende a operar com base no reconhecimento do valor de amizade e inimizade que um sintoma desempenha para outro. Para Schmitt, o que decidirá da intensividade da associação / dissociação são o grau e a natureza da inimizade na medida em que esta pode evoluir para a “negação ontológica de outro ser”<sup>27</sup>. Essa “diferença ética”<sup>28</sup> deve ser repelida e combatida, em prol da preservação da própria existência da formação ameaçada.

A Nova Psicanálise amplia o alcance de tal condição, pois opera com o *vetor destrutivo presente em qualquer das posições ocupadas*. Amigo e inimigo são, de partida, interesses que, uma vez em vigor, se comportarão de modo recalcante, sintomático e

<sup>24</sup> MAGNO, MD. *Psicanálise: Arreligião* (2002). Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2005, p. 13.

<sup>25</sup> SCHMITT, Carl. *O Conceito do Político* (1932). Petrópolis: Vozes, 1992.

<sup>26</sup> “Para a psicanálise, a política é uma generalidade. É A Política, se não for a guerra das formações”. Cf. MAGNO, MD. *Revirão 2000/2001. “Arte da Fuga”; Clínica da Razão Prática*. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2003, p. 413.

<sup>27</sup> SCHMITT, Carl, op. cit., p. 51 e 59.

<sup>28</sup> Definição hegeliana de inimigo citada por Schmitt, p. 89.

defensivo<sup>29</sup>. Preservando-se segundo sua modalidade de ser, projetam, no mesmo ato, sobre o outro – amigo ou inimigo – a condição ameaçadora de seu interesse constituído. A *guerra*, acompanhando o raciocínio abstrato de Magno e Schmitt, seria o pressuposto político implicado em uma relação de poder qualquer<sup>30</sup>. Em outros termos, todo vínculo (ou ordem política), sendo expressão de uma relação de dominação qualquer, contém, como sua condição, o conflito.

A Freud nunca escapou a natureza polêmica das relações humanas, que ele analisou sob a hipótese da constituição pulsional do inconsciente. Em sua obra, conflito e dissociação psíquicas, defesa, recalque, resistência, narcisismo, denegação, foram conceitos elaborados levando em conta a cena ‘artificial’ que soube tão bem destacar, a *transferência*<sup>31</sup>, onde “afeição” e “hostilidade”<sup>32</sup> desempenham um papel tático de resistência e luta contra a intervenção analítica, sendo, ao mesmo tempo, função de facilitação da análise.

Aplicando à transferência a noção de grupamento amigo-inimigo – portanto, tomando a transferência como ordem política –, a Nova Psicanálise evidencia o lugar terceiro do operador analítico. Em que sentido? Cabe a este último tanto encenar o idílio amoroso quanto a liça de combate, devendo estar pronto para ambos (e ao mesmo tempo não acreditar neles). Ao fazê-lo, devolve ao analisando a rudeza de sua estratégia de combate, mostrando-lhe quão restrita e localizada ela é (costuma ser). Encenando a inimizade, o analista revela, em espelho, a vontade de destruição que toda formação porta como efeito de resistência e auto-proteção. Mas encenando a amizade, eis que aparece em espelho... a mesma destruição, pois o acordo simulado revela-se impossível apenas *como amizade*, à medida que tal associação sintomática mascara a vontade de destruição que as formações amigas não hesitarão em mobilizar, uma vez ameaçados seus interesses.

A função analítica opera suspendendo, a cada caso, o *valor sintomático indexado* às posições amigo-inimigo, com que taticamente o analisando joga. Para o analista, o ‘valor ontológico’ do grupamento amigo-inimigo é nulo, pois ele opera em referência à

<sup>29</sup> Cf. MAGNO, MD. *Revirão 2000/2001*, op. cit., p. 387.

<sup>30</sup> Para Schmitt, a guerra não é fim, objetivo ou conteúdo da política, mas seu “*pressuposto* sempre presente como possibilidade real, a determinar o agir e pensar humanos de modo peculiar, efetuando assim um comportamento especificamente político”, op. cit., p. 60. Ao definir política como ‘competição pelo poder’, MD Magno já incluiu a guerra como seu pressuposto, acrescentando-lhe, contudo, a dimensão de ‘relação de dominação’ atribuível a todo grupamento amigo-inimigo. Isso é importante, pois, para a psicanálise, o acirramento do vínculo, indiferentemente de ser amizade ou inimizade, corresponde à agudização do jogo entre forças recalcentes e recalçadas. A *neutralidade* (política) está, portanto, para além de amigo e inimigo.

<sup>31</sup> Cf. FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969, vol. XII, XIV e XVIII.

<sup>32</sup> *A história do movimento psicanalítico* (1914) em *Edição Standard*, op.cit., vol. XIV, p. 22.



neutralidade, indiferenciando como técnica o que para o sintoma é (suposta) condição de existência.

A ‘história do movimento psicanalítico’ no Brasil, da qual o Colégio Freudiano do Rio de Janeiro é parte integrante, mostra que o sintoma das alianças amigo-inimigo foi muitas vezes a performance predominante na existência institucional da psicanálise, como reação e defesa à própria análise. Por outro lado, o Inconsciente é sempre antecipação indiferenciante da destruição implícita nos vínculos de amizade/inimizade. A Nova Psicanálise vem enfatizar que toda existência política e, portanto, psicanalítica, depende dessa conta.

### ■ “Sintoma não é Virtude”<sup>33</sup>

Gisêlda Santos

Segundo a conceituação elaborada por Freud<sup>34</sup>, sintoma é um mecanismo psíquico que indica a tentativa de recalcar alguma idéia incompatível com o ego da pessoa. É expressão de um conflito inconsciente e indício de retorno do recalçado; manifesta-se através de formações substitutivas, formações de compromisso ou formações reativas, com o objetivo de uma satisfação sexual (substitutiva) ou uma defesa contra ela. Neste contexto, o trabalho clínico tentaria trazer à consciência as motivações pulsionais inconscientes e recalçadas. Processo que culminaria num resto pulsional não analisável (“rochedo da castração”), constituindo o que se tornou conhecido como o impasse do final de análise<sup>35</sup>.

Com os registros de real / simbólico / imaginário amarrados borromeamente, Lacan<sup>36</sup>, por sua vez, conceituou o sintoma como o efeito do simbólico no real: aquilo que as pessoas têm de mais real e não pode ser erradicado, pois sem sintoma não é possível haver o gozo. O sintoma é, portanto, apresentado como o quarto elemento na estrutura fazendo a função encadeadora do significante Nome do Pai e delimitando o campo do desejo e do gozo. O saber-fazer com seu sintoma, proposto como final de análise, é identificar-se com ele, “não se privar de usá-lo logicamente, até atingir seu Real, no fundo do qual não se tem mais sede”<sup>37</sup>. Ou seja, aquele resto pulsional sintomático e não analisável é positivado e considerado como a marca do sujeito, seu traço próprio (S1). O impasse, apontado por Freud, teria sido, assim, ultrapassado.

<sup>33</sup> MAGNO, MD. [1996] *“Psychopathia Sexualis”*. Santa Maria: Editora UFSM, 2000. p.37.

<sup>34</sup> FREUD, S. [1911] Sobre Psicanálise. RJ: Imago *E.S.B.* vol.XII; [1915] Repressão. vol.XII; [1916 – 1917] Conferências Introdutórias à Psicanálise. vol.XVI.

<sup>35</sup> \_\_\_\_\_. [1937] Análise Terminável e Interminável. RJ: Imago, *E.S.B.* vol. XXIII.

<sup>36</sup> LACAN, J. [1974-1975] *O Seminário: R.S.I.* Cópia.

<sup>37</sup> \_\_\_\_\_. [1975-1976] *O Seminário: O Sintoma.* Cópia.

No entanto, depois de Freud e Lacan, ocorreu uma estagnação no campo psicanalítico, provocada por um formalismo rígido de vocação moralizante e adaptadora: os analistas passaram a adotar regras, padrões e *settings* fixos, interpretações conteudísticas, esforços de normalização tais como: reforço de ego, acesso ao *genital love*, introdução do Nome do Pai, etc. Desta maneira, o sintoma foi tomado como guia tanto no percurso da cura, quanto na elaboração teórica, engessando e burocratizando a proposta original de Freud. Estas são algumas das razões pelas quais precisamos entender, como afirma MD Magno, que *sintoma não é virtude*. Afinal, o que se entende por sintoma e por que falar em virtude nesta relação?

O lema “sintoma não é virtude” indica uma mudança de postura diante da produção psicanalítica anterior que “considerou como *estrutural do psiquismo* humano o que para a Nova Psicanálise não passa de ser estritamente (...) sintomático”<sup>38</sup>. Muitos sintomas compatíveis com o contexto histórico da primeira metade do século 20 foram tomados como conceitos, como se tratassem de uma estrutura do homem. Por exemplo: Édipo, Interdição do Incesto, Falo, Desejo da Mãe, Nome do Pai... Na verdade, são apenas termos normativos que designam uma vertente cultural, ou seja, formações em sintonia com a situação que as aprovou e aplaudiu no interesse das forças vencedoras em jogo naquele momento – daí terem sido tomadas como virtudes. Cabe a nós manter presente que qualquer formação oportuna já constitui sintoma e pode sedimentar-se como caminho obrigatório para todos, mas não deve, por isso, ser considerada estrutural de nenhum psiquismo.

Esta mudança de postura é decorrente da reformatação do aparelho teórico-clínico da psicanálise (chamada Nova Psicanálise ou NovaMente), que vem sendo elaborada desde a fundação do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, em 1975, com o propósito de arejar e atualizar o trato psicanalítico. O resultado desta elaboração pode ser acompanhado nos textos publicados dos Seminários e Falatórios de MD Magno, ininterruptos nos últimos trinta anos, em que novos conceitos e articulações são propostos possibilitando a interlocução da psicanálise com as questões de ponta do século 21.

A Nova Psicanálise tomou como conceito fundamental a *Pulsão*, agora entendida como o movimento genérico de tudo que há – o *Haver* (que inclui o cosmo e o psiquismo) – e que se manifesta segundo uma Lei (ALEI) que se escreve: ‘Haver quer não-Haver’ (A → ã). Tudo que há corre atrás do não-Haver, que, como o nome diz, inexistente. Este fato implica a queda do Haver em formações, modalizações, fractalizações que resistem a seu movimento pulsional. Introduce-se desta maneira o conceito de *Formações do Haver*<sup>39</sup> –

<sup>38</sup> MAGNO, MD. [1996] *Op. cit.*, p.36.

<sup>39</sup> MAGNO, MD. [1992] *Pedagogia Freudiana*. RJ: Imago, 1993

decorrentes das fixações do movimento pulsional, por onde ele adere e paralisa – resultantes do jogo de forças recalcentes e recalçadas (primárias, secundárias e a originária). Toda Formação do Haver, simplesmente por existir com forma, força e fechamento determinados, é sintomática. *Sintoma* é, portanto, definido como uma (qualquer) destas formações, e, em sentido inverso, tudo que há é considerado sintoma.

Como nossa mente opera com a possibilidade de avessar e neutralizar as binariedades com as quais as formações se apresentam, toda formação que comparece pode colocar seu contrário. É o que se conceitua como *Revirão*<sup>40</sup>. Esta disponibilidade de reviramento cria condições de considerar caso a caso as formações sintomáticas em seus níveis constituintes e de atentar para a possível irrupção de outras tantas formações não consideradas nas diversas situações.

A compreensão de que sintoma não é virtude nem vício, nem guia, nem resto pulsional não analisável ou traço próprio do sujeito, modifica inteiramente o trabalho clínico. Se cada formação constitui uma cristalização sintomática, a proposta de cura é de livrar os sintomas *para* o Revirão, e não de se livrar deles, eliminá-los, dar-lhes sentido proliferando interpretações, ou identificar-se com eles. O que interessa é abrir, romper a crosta das formações “de modo a se poder jogar sem estar trancafiado na casca grossa de uma formação sintomática”<sup>41</sup>. Onde, se o sintoma é declinação do Haver em fractalizações, formações, a Clínica NovaMente vai declinar o sintoma, analisá-lo em seus constituintes, revertendo seu processo de declinação. Livrar o sintoma para o Revirão é colocá-lo em permanente suspeição e suspensão, no exercício de chegar à Indiferenciação em relação a qualquer formação.

Não há aí promessa de que tudo se resolva: temos nossos sintomas, precisamos deles, indiferenciamos por um lado e retornamos por outro. Por isso, constrói-se um novo laboratório psicanalítico, uma Clínica Geral (das pessoas e das culturas), mediante a qual é possível exercitar, exercer, forçar, fazer operar a Indiferenciação – a ser ou não alcançada (nunca se sabe antecipadamente) por aquele que a ela se disponibilizar.

Portanto, sintomaticamente, estamos aqui falando dos trinta anos do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, trinta anos de resistência às pressões sintomáticas (virtuosas ou viciosas). Isto, no exercício incessante de relançar e suspender a psicanálise, NovaMente.

<sup>40</sup> \_\_\_\_\_. [1982] *A Música*. RJ: Aoutra, 1986

<sup>41</sup> \_\_\_\_\_. [1999] *A Psicanálise, Novamente*. RJ: Novamente, 2004. p.175

<sup>42</sup> MD Magno. *A Música*. Rio de Janeiro: Aoutra editora, 2ª ed, 1986, p. 91.

■ “O Inconsciente é Azul”<sup>42</sup>

Pequeno Roteiro de Estudo

Paula de Oliveira Carvalho

O conceito de Inconsciente se confunde com a própria psicanálise. O pensamento NovaMente ampliou e reconfigurou seu escopo: não se trata mais do Inconsciente centrado no homem ou no sujeito, como quiseram Freud e Lacan. Vejamos, então, seis assertivas de MD Magno para acompanhar alguns passos do percurso de sua nova definição:

1. [1987] O Inconsciente é essa totalidade do Haver<sup>43</sup>.
2. [1987] O Inconsciente se torna, portanto, como conteúdo, um grande saco de gatos, mas, na sua essencialidade, é apenas uma maquininha de Revirão<sup>44</sup>.
3. [1992] Inconsciente, para mim, é o que se passa entre Haver e não-Haver<sup>45</sup>.
4. [2002] É esta consciência do Haver que chamamos de (In)Consciente: O Haver enquanto Consciência<sup>46</sup>.
5. [1994] Faça uma retomada do Inconsciente como da ordem estrita do recalçado<sup>47</sup>.
6. [2005] O Inconsciente é pura rede<sup>48</sup>.

De saída, adiantamos que as proposições acima convergem para o Inconsciente definido como *Haver* genericamente e como *Revirão* especificamente, conceitos-chave para o entendimento desta teoria.

1. O Haver é o *conjunto aberto de tudo que existe e que venha a existir*, o que engloba tanto o Psiquismo como o Cosmo. Não sabemos calcular onde começa ou termina e muito menos o que contém, uma vez que é pensado como infinito. Em seu nível Originário, o Haver tem uma compleição indiferenciada, neutra, que precede a matéria e o pensamento. Neste nível, é pura *comoção*. Isto porque tem o poder de mover junto com ele tudo que o habita. Trata-se da pura experiência do movimento libidinal, da Pulsão – do Tesão, como chama a Nova Psicanálise –, que requer, em última instância, seu completo desaparecimento. Vemos aqui a *Pulsão de Morte* freudiana ser destacada e privilegiada como o único conceito fundamental da psicanálise. Em outros termos: da Pulsão exara-se uma LEI<sup>49</sup> que exprime seu movimento em direção à morte – “Haver quer não-Haver” (A→ $\tilde{A}$ ). Mas a morte requisitada não é factível. O não-Haver não há e, caso houvesse, eliminaria o próprio

<sup>44</sup> Idem.

<sup>45</sup> MD Magno. [1992] *Pedagogia Freudiana*. Rio de Janeiro: Imago editora, 1993, p. 12.

<sup>46</sup> \_\_\_\_\_. [2002] *Psicanálise: Arreligião*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2005, p.16.

<sup>47</sup> \_\_\_\_\_. [1994] *Velut Luna: A Clínica Geral do Nova Psicanálise*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2000, p. 154.

<sup>48</sup> \_\_\_\_\_. *Formação Formatação...* Texto distribuído em Oficina Clínica, fev. 2005.

<sup>49</sup> Melhor escrita, segundo MD Magno, com letras maiúsculas e acrescida do artigo *a*: ALEI.

Haver. Deste modo, o que temos é o eterno movimento de encaminhamento ao transcendente desejado (não-Haver), o “encontro impossível” e o retorno à imanência do Haver. O modo de operação do Haver se repete no psiquismo, sendo ALEI do Haver a mesma que rege a mente humana.

A impossibilidade de passagem ao não-Haver resulta numa simetria frustrada, isto é, numa primeira Quebra de Simetria configurando o Recalque Originário. A partir do estilhaçamento decorrente do fato de não haver “outro” lado, o Haver se diferencia “internamente” e se modaliza em *formações*, nome genérico para o que quer que haja, inclusive o que denominamos de psíquico. Aí sim, temos a matéria e o pensamento, modalidades do Haver em níveis Primário e Secundário. O Primário comporta materiais duros e resistentes, sendo a própria “carne” do Haver e, do mesmo modo, nosso corpo biológico (Autossoma) e seus comportamentos herdados (Etossoma). O Secundário é composto de materiais mais flexíveis, como a cultura e as idéias – a princípio, passíveis de serem subvertidos mais facilmente. Entre o Primário e o Secundário existe a possibilidade de passagem, apesar de cada um desses campos impor barreiras e fechaduras. Tal passagem é possível porque o Haver é homogêneo, o que significa que é todo feito da mesma “matéria”.

No lado da imanência – único lado que há de fato –, nada é impossível absolutamente e o recalque se dá nos níveis Primário e Secundário. O conceito de recalque também se amplia, não mais estando restrito ao psiquismo, visto que todas as formações “travam” o movimento pleno do Haver, e também são “travadas” por outras formações. Ou seja, recalcam e sofrem recalque.

2. Se, então, *o Inconsciente é a totalidade do Haver*, essencialmente ele é o *Revirão* – a máquina genérica que representa o movimento do Haver e da mente. Tudo está submetido ao Revirão, à operação de avessamento com possibilidade de passagem por um ponto neutro produtor de Indiferenciação<sup>50</sup>. A única espécie conhecida que porta a máquina do Revirão é a humana, ou seja, que revira por si mesma. As outras formações não replicam o Revirão e sofrem reviramento em conjunto com o Haver por inteiro.

Podemos também chamar o Haver de o Grande Cérebro, que se replica na mente humana. O movimento do Cérebro Haver / Mente chama-se Revirão, que joga indefinidamente com formações. Este jogo entre formações ora recalcentes ora recalçadas estabelece uma luta de poder e traz a possibilidade de Indiferenciação, única chance de acrescentamento e riqueza para o Haver e para nós.

3. Afirmar que *o Inconsciente é o que se passa entre Haver e não-Haver* contempla o Haver e o Revirão numa única proposição. O surgimento do Inconsciente se dá na “relação” das formações do Haver como um todo com o não-Haver. “Relação” vem entre aspas porque

<sup>50</sup> Indiferenciação: produção de indiferença, neutralização, ou seja, sustentação da equivalência de toda e qualquer polaridade.

não se dá efetivamente, mas chegar a este ponto, “à beira do mundo”, produz uma exasperação que força – para além da determinação e da sobredeterminação – o aparecimento da HiperDeterminação<sup>51</sup>, o lugar do valetudo (“boa saúde”, em latim) bem ao gosto do que Freud pensou como Inconsciente. Temos então o Inconsciente no mesmo lugar da HiperDeterminação, indicando que a potencialização promovida neste lugar afeta as IdioFormações<sup>52</sup>.

4. O Inconsciente aqui se torna Consciência Pura, lugar da “angústia produzida por essa vertigem transcendental”<sup>53</sup>, indica Magno. Daí o *(In)Consciente ser o Haver enquanto Consciência de Consciência ou Consciência Pura*. A consciência de consciência só acontece quando se inclui a HiperDeterminação: Inconsciente e Consciência pensados em sua radicalidade se equivalem.

5. O *Inconsciente retomado como da ordem estrita do recalcado* como quis Freud no início de sua obra é encontrado nos três níveis do Haver. No Primário, o Inconsciente será tudo aquilo que, neste nível, não comparece e está recalcado pela massa disponível. Secundariamente, o Inconsciente é da ordem do não-realizado no nível Secundário. Isto se encontra em aberto, não tem fim. No nível Originário, o Inconsciente é o não-Haver, o recalcado fundamental que não há e que só comparece como alucinação de um lugar ou destino, a verdadeira Utopia (não-lugar). Portanto, o desrecalque só é possível nos níveis Primário e Secundário.

6. Por fim, o *Inconsciente como pura rede*. A aceleração tecnológica e a crise dos valores que sustentaram a idéia de humanismo até os anos 1980 formam um cenário propício para considerarmos a rede planetária, coletiva e abstrata, que, em determinado pólo, pode ser focada, mas que, em sua extensão máxima, atinge todo o Haver. A tríade sujeito / objeto / representação não participa deste pensamento. O que existe são formações de diversos níveis, em sua maior parte não evidenciadas, emaranhadas na grande Rede / Haver / Inconsciente.

## ■ Exercício da Psicanálise

Patrícia Netto A. Coelho

A fundação “do campo freudiano que se polariza no *Colégio Freudiano do Rio de Janeiro*”<sup>54</sup> figura no sétimo número da revista *LUGAR*, em 1975, onde encontramos seu primeiro desenho como instituição: “*Colégio*: no que o termo significa de aproximação de

<sup>51</sup> HiperDeterminação: Uma formação com poder de avessamento, de Revirão e, com isso, capaz de equalizar os valores, de indiferenciá-los, trazendo a possibilidade da criação.

<sup>52</sup> IdioFormações: Formação que tenha disponível para si a HiperDeterminação. O Haver e o Homem são exemplos de IdioFormações.

<sup>53</sup> MAGNO, MD. [1994] *Velut Luna: A clínica Geral da Nova Psicanálise*. Rio de Janeiro: NovaMente editora, 2000, p. 155.

<sup>54</sup> Revista *LUGAR* n° 7: *Lacan - Textos da Revista L'Arc* n° 58. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1975.

colegas, no interesse do estudo, do debate e da produção teórica; *Freudiano*: no que o pensamento de Freud é a via, e o veio, que se nos abre à voz de Lacan; *do Rio de Janeiro*: no que, nos limitando nosso espaço, de presença constante a algum trabalho, marcamos uma sede – a qual se abre em relação a qualquer outra praça”.

Esta configuração mostra os pontos desde sempre fundamentais e problemáticos para a psicanálise: qual instituição é capaz de abrigar o pensamento psicanalítico? Que espécie de transmissão oferece? Que vínculo há entre aqueles referenciados pela psicanálise? Qual relação há com o pensamento lacaniano e a tradição freudiana? Quais as possibilidades de relação com outras instituições? Naquele momento, estas questões estavam orientadas por uma preocupação com a afirmação da especificidade da psicanálise – e sua superioridade perante outras disciplinas e práticas –, sobretudo pela via de sua suposta cientificidade. Sem dúvida, Lacan foi quem levou às últimas conseqüências este esforço<sup>55</sup>. Para escapar do biologismo e do culturalismo, presentes no pós-freudismo, aproximou-se da lingüística; para escapar de uma incorporação da lingüística, recorreu aos matemas e, por fim, à topologia.

Na década de 1980, as questões surgem justamente quanto às fronteiras. Com o cumprimento dessa trajetória, com a demonstração de seus limites e de seus sintomas mais significativos, o problema da sustentação da psicanálise permanece sem resposta: “como sustentar a suposição de que há psicanálise?”<sup>56</sup> Sobretudo porque se reconheceu que não é possível encontrar garantias externas para sua existência. Nem mesmo no texto freudiano. Daí, o chamado “retorno a Freud” não ter sido suficiente para levar mais adiante a psicanálise. Em seu comentário literal dos textos freudianos, Lacan acreditou que tudo está em Freud, se este fosse bem lido... Ora, esta iniciativa não falha por razões acidentais, trata-se de um fracasso sustentado e declarado<sup>57</sup>. Lacan, quando busca garantias no *texto* de Freud, só consegue reencontrar o sintoma da psicanálise freudiana. Em religião, chama-se isso de retorno às fontes, *fons et origo*. Retorno religioso que combinou um ideal de cientificidade com elementos catequéticos. Para os lacanianos, restou repetir o texto já escrito do mestre, citar suas citações ou procurar dizer o que o mestre não pôde dizer a tempo, trabalho infinito de terminar seus escritos.

Diante dessas posições, a Nova Psicanálise fez outro caminho. Desinteressa-se da afirmação da *especificidade* da psicanálise, por entender que uma defesa dessas só pode se apoiar em critérios extrínsecos ao campo psicanalítico, o que se mostrou uma impostura. Em lugar de especificidade, propõe que se pense em *soberania*. Se não há critérios externos,

<sup>55</sup> Este é um dos sentidos que podemos dar à afirmação de MD Magno: “Lacan é um pensador terminal”.

<sup>56</sup> MAGNO, MD. [2002] *Psicanálise: Arreligião*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2005. p. 109.

<sup>57</sup> Cf. MILNER, Jean-Claude. [1995] *A obra clara. Lacan, a ciência, a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

qualquer esforço por destacar a originalidade da psicanálise deve ser necessariamente submetido à sua própria operação de análise. Assim, soberania funciona como conceito-limite, o que significa que ele opera internamente a seu campo, segundo uma instância extrema.

Propor um movimento de progressão em termos abstrativos leva a Nova Psicanálise a se confrontar com o problema da origem, ou melhor, com a proposição de uma *originariedade*, procurada por esse exercício permanente de soberania. Único lugar de onde se pode interrogar radicalmente a psicanálise, desagregar noções (anteriormente agregadoras) e reuni-las, novamente, em um nível mais abrangente, entretanto, também mais rarefeito<sup>58</sup>. Isto relança o movimento. O retorno a Freud passa a ser, então, o retorno *de* Freud: NovaMente. Trata-se de voltar a Freud, depois de Lacan, para rememorar essa *originariedade*; e de tudo questionar de maneira nova, com uma Nova Mente.

O Colégio Freudiano teve compromisso, inicialmente, com o ensino e a difusão do pensamento lacaniano, e também o sintomatizou. Daí todo o enredo<sup>59</sup> de adesões e desistências que representa a trajetória de um movimento que não foi totalmente lacaniano, justamente porque esteve presente, desde o início, um ato que situou o “estar no estrangeiro”<sup>60</sup> como sua referência de apropriação da teoria lacaniana. A comemoração dos 30 anos do Colégio Freudiano, em 2005, certamente é evocativa de algum passado, mas também rememora e reconsidera as possibilidades de haver, novamente, progressividade em seu percurso.

Um autóctone – todos nós o somos porque estamos suficientemente enraizados e fixados em nossos sintomas – comemora o pertencimento a um lugar, a um grupo, valoriza relações genealógicas, constrói esperanças a partir daquilo que supostamente o identifica. No entanto, se há possibilidade desse exercício de “estar no estrangeiro”, o que há para comemorar é de outra ordem: um evento e uma escolha que o próprio trajeto da psicanálise desenhou: “a Nova Psicanálise como posição propositiva é o resultado da falência da psicanálise anterior. [...] Então, a partir desse momento, o aparelho só me garante se eu o garantir”<sup>61</sup>.

<sup>58</sup> Ver, por exemplo, o alto nível de rarefação presente no conceito de *IdioFormação*.

<sup>59</sup> Não se trata de situar histórias entre tal data e tal outra. Histórias *consagradas* que confirmam as boas e as más intenções. E para aqueles que chegaram depois, há versões para todos os gostos, igualmente mal faladas: polimorfismo das versões.

<sup>60</sup> “O analista tem que ser estrangeiro o tempo todo, pois não há naturalização possível. Ele até pode saber falar a língua local, mas é de fora e não faz turma”. *Psicanálise: Arreligião*, p. 117.

<sup>61</sup> MAGNO, MD. [1998] *Introdução à Transformática*. Rio de Janeiro: NovaMente editora, 2004. p. 98.